

CONVERSANDO SOBRE INCLUSÃO

Colégio Graphein – São Paulo

*Este texto foi produzido pelo jornalista DIB CARNEIRO NETO,
com base em outros textos já publicados pela equipe
do Colégio Graphein, bem como a partir de novos
depoimentos concedidos, durante o ano letivo de 2013,
pelos seguintes profissionais da direção e coordenação da escola:*

NÍVEA MARIA DE CARVALHO FABRÍCIO
PAULA VIRGÍNIA VIANA CANTOS
CAMILA MARIAN D'AMICO
JOSEF BUKSTEIN VAINBOIM

Incluir

1. Compreender, abranger. 2. Conter em si: envolver, implicar. 3. Fazer constar de uma lista, de uma série, de uma enumeração, relacionar, arrolar. 4. Inserir, intercalar, introduzir.

Mas alguém ainda precisa do Dicionário Aurélio para saber o que significa o verbo incluir? Resposta: sim. E como! Mesmo que a gente conheça bem o significado de inclusão, será que sabemos praticá-la na vida, sem ranços, sem preconceitos, sem equívocos?

Iniciemos, portanto, uma conversa rápida e objetiva sobre esse tema, ligado à educação. Que tal? Vamos? Você topa? Aceita um convite para incluir-se nesse papo conosco, sabendo que é um tema muito polêmico e repleto de camadas e de delicadezas?

Incluir é compreender. Não é uma definição bastante bonita? Chega a ser poética. Praticá-la seria um caminho libertador, uma solução para esse mundo cada vez mais complexo e diversificado. Diferenças, autoenganos, autoestimas abaladas, bullyings (para usar uma palavra da moda) – você não concorda que tudo isso desapareceria da face da Terra se a humanidade simplesmente seguisse o verbete do dicionário à risca e ‘compreendesse’ as pessoas, como regra para verdadeiramente incluí-las em suas vidas?

De que adianta incluir antes de compreender? Eis o que mais emperra o processo de inclusão, em escolas convencionais, dos alunos com dificuldades de aprendizagem. Sejam quais forem essas dificuldades, de que grau, de que natureza, de que nível, elas precisam – antes – serem muito bem compreendidas pelos educadores, pelos pedagogos, psicoterapeutas, psiquiatras, pela comunidade acadêmica de forma geral... e pelos pais. Ah, os pais. Que relação tão delicada é essa entre pais e mestres? Como às vezes ela pode ser tão conturbada, tão complicada, tão inflamada...

“Esta criança não aprende! Parece que ela tem preguiça de pensar!” Acredite: ter medo desse tipo de frase é um caminho saudável, um primeiro e necessário passo para você encarar o tema da tão propalada inclusão. Pois é aí que todo o ‘imbróglio’ pode começar e é aí que mora o perigo: quando essas mais que frequentes exclamações viram um veredito, uma sentença inquestionável, uma verdade absoluta. Pior: quando viram desesperança.

Diariamente, em busca de solução, essa senhora dona Desesperança – de pé na calçada da esquina das ruas Cardoso de Almeida e Itapicuru, no bairro paulistano de Perdizes – toca a campainha do portão branco que se abre para as instalações do Colégio Graphein, em um acolhedor sobradinho tradicional, adaptado para abrigar em suas dependências, desde 2005, um singular e bem-intencionado sonho de compreensão das diferenças. Sonho que teve início em 1988, com uma equipe de educadores que acreditava que “fazer inclusão” era possível, mas também reconhecia que era necessário rever muitas concepções do ensino tradicional, como, por exemplo, a tendência à padronização de conteúdos e estratégias.

No Graphein, trabalha-se com alunos que carregam em suas mochilas o peso das histórias do dito “fracasso escolar” –

crianças, adolescentes e jovens que não se adequam, por diferentes razões, ao funcionamento das escolas convencionais, mas têm todo potencial para aprender, em seu ritmo e com suas dificuldades, e assim um dia deslanchar na vida. Como a garota que chegou com uma carga de várias repetências em outras escolas e, depois de um longo processo conosco de recuperação de sua autoestima, cumpriu toda a grade curricular do Graphein (que é exatamente a mesma de todas as escolas do Brasil de Ensino Médio e Fundamental) e, sem fazer cursinho, prestou vestibular, sendo aprovada em Faculdade de Medicina. É um dos nossos inúmeros casos de sucesso e motivo de muito orgulho.

Essa, aliás, é uma tecla que vale a pena ser tocada mais de uma vez. Por sermos uma escola com foco na educação inclusiva, muitos pais chegam aqui pensando que nosso currículo pedagógico é diferente e não prepara os alunos como nas outras instituições de ensino. Errado. O Graphein funciona perfeitamente de acordo com todas as especificações pedagógicas exigidas pelo Ministério da Educação. Prepara seus alunos da mesma forma que todas as escolas convencionais do País. Nosso diferencial está na forma como conduzimos o currículo estabelecido na legislação. Adequamos os conteúdos e as estratégias às necessidades de cada aluno e, à medida que sua aprendizagem caminha, lançamos os próximos desafios. Entretanto, nossa referência sempre é o currículo da série na qual o aluno está matriculado.

Paralelamente a isso, ao longo dos anos, o Graphein foi se tornando também um verdadeiro 'laboratório' de investigação das dificuldades de aprendizagem e de estratégias para atendê-las. Sim, estratégias – pois não se trata de fórmulas mágicas nem de receitas prontas. Estratégias que disparam novas estratégias e ainda outras e outras e outras, em um processo enriquecedor

e ininterrupto, em que todos constantemente aprendem, sem medo de recomeçar, de recalcular, de replanejar. Definimos estratégias de trabalho adequadas a cada um dos estudantes, para que tenham direito a um trajeto escolar adaptado às suas necessidades. Aqui, esse direito é garantido!

Certa vez, o Graphein recebeu a visita de pais que não entendiam por que seu filho, de 12 anos, não fazia lições, não se comprometia com os professores, enfim, não cumpria as atividades curriculares, tendo sido, por isso, reprovado de ano em uma escola padrão – mesmo sendo socialmente muito capaz e um garoto bonito, charmoso, interessante, alegre, engraçado.

Levamos algum tempo para detectar o que os pais nem os professores da outra escola perceberam: ele simplesmente ainda não sabia ler – e tinha vergonha disso. Assim, escrevia sempre com uma letra bem pequena, para ninguém perceber seus erros, e, como era bastante safo, na hora das leituras, sabia o tempo exato que tinha de demorar para virar cada página do livro, fazendo todos pensarem que ele realmente estava lendo. Era um caso de alfabetização inadequada, causada por certo grau de dislexia do aluno e uma leve deficiência auditiva. Ou seja, ele precisava de outra abordagem pedagógica, que até então não tinha. Achavam simplesmente que ele não fazia as coisas por pura malandragem.

Esse aluno morria de medo que os outros colegas percebessem que ele não sabia nada. Foi preciso trabalhar individualmente com ele, até que ganhasse autoconfiança e entendesse que logo superaria essa fase. Quando começou a perceber que conseguiria se superar, adquiriu uma incrível determinação e passou a assumir e a admitir tudo o que não sabia – até na frente dos colegas. Funcionamos, para ele, como mediadores do “Eu posso!”, para garantir uma eficiente descoberta do “Eu aprendo!” É essa

autodescoberta que leva as crianças a trilharem seus caminhos na direção do adulto bem resolvido em que se transformarão no futuro, um adulto com adequada atuação social. O resultado para esse garoto foi o melhor possível: ele se preparou conosco no Graphein e voltou à sua escola padrão, para cursar o último ano. Aí, sim, sentindo-se totalmente incluído.

O Colégio Graphein acredita no estudante desde o primeiro minuto em que ele transpõe nosso portão de ferro pintado de branco. Levamos em conta o histórico familiar e pedagógico que nos chega às mãos desde o dia da matrícula. Todo registro prévio nos é muito importante e tem de ser considerado na hora de futuras decisões sobre aquele aluno. No nosso trabalho diário, vamos fazendo um ‘diagnóstico’ ininterrupto desse estudante, juntando a ele os documentos burocráticos que os pais nos trazem. As decisões são tomadas por nossa equipe multidisciplinar, com base em todo esse material. O processo psicopedagógico não para nunca... Está sempre a pleno vapor.

Com a história do garoto que fingia saber ler, podemos ilustrar o quanto a origem de certos comportamentos inadequados e da falta de compromisso com a escola pode ser diversa. Tão diversa quanto o número de alunos com dificuldades em seu processo de escolarização. Aquele era apenas um menino frágil querendo aprender no tempo dele, no ritmo dele, necessitado de uma inclusão que fosse real e verdadeira. Não basta literalmente jogar esses alunos dentro de uma sala de aula padronizada: isso não é inclusão. Sem preparo prévio, não se inclui.

Sim, você vai argumentar: existe a importante Declaração de Salamanca, da Unesco, de 1994, que prega o quanto as crianças têm o direito de aprender juntas. “O princípio fundamental da escola inclusiva consiste em que todas as pessoas devem aprender

juntas, onde quer que seja possível, não importam quais dificuldades ou diferenças elas possam ter.” Certo, essa é a visão que predomina hoje quando se fala, no mundo todo, em educação inclusiva. Mas pare na frase um pouco antes da palavra juntas e você vai entender um ponto crucial.

Você não acha que, anteriormente ao “aprender juntas”, é mais importante que toda criança tenha o direito de aprender? Aprender. É essencial garantir que elas estejam caminhando no seu processo de aprendizagem, antes de fazermos qualquer tentativa de inclusão. Colocar todos na mesma sala? Ok, isso é fácil e até cômodo, mas nunca se pode perder de vista que o processo de aprendizagem esteja garantido para todos.

Aprender para aprender.

Não adianta estar na sala e continuar excluído. Todos aprendem da mesma forma e no mesmo ritmo? Quem disse? Quem garante? Claro que não. Alguém pode se intrigar: “Ah, mas e se forem dois alunos exatamente com as mesmas queixas?” Resposta: E daí? Cada um é um, cada um tem a dificuldade que é só sua, com suas características e questões peculiares, portanto, cada um vai aprender no seu ritmo. “Ah, mas são três autistas!” De novo: e daí? Um deles adora carros, outro ama o teatro e o terceiro é uma espécie indomável de ‘trogloditazinho’ – como você vai tratar igualmente dos três, se cada um é autista do seu jeito? O que é bom para um pode não ser para o outro.

Parece tudo tão óbvio, não parece? Mas não é. Se o professor manda o primeiro ano do Ensino Médio ler o romance *Iracema*, de José de Alencar, ótimo, mas o menino com dificuldade na

construção da leitura e da escrita precisa antes ter consolidado seu processo de alfabetização, suas noções de estruturação frasal, por exemplo, pois todos os outros alunos da classe já passaram por isso antes. As escolas acham que estão incluindo o menino porque ele está em contato com o romance *Iracema*, juntamente com todos os outros alunos, o que é de fato importante, mas muitas vezes se esquecem do direito inalienável dessa criança de aprender o básico antes, para garantir a melhor fruição da atividade proposta. Essa é uma grande questão referente à inclusão. Não basta ter boa vontade, mas ter estrutura.

O percurso árduo e desafiador de criação e de funcionamento do Colégio Graphein sempre foi marcado pela busca de um modelo de inclusão em que todos os alunos pudessem ser verdadeiramente escolarizados e não apenas permanecer em um mesmo espaço físico dentro da instituição escolar. Vamos acolher? Vamos. Mas acolher com singularidade, despertando no aluno uma relação positiva com a escola e com o processo de aprendizagem.

Nunca devemos esquecer que frequentar uma escola é mais do que buscar apenas uma construção acadêmica formal: a escola é um ambiente em que as crianças ampliam seus repertórios de convívio social e diversificam suas possibilidades de estabelecer vínculos e relações, adquirindo inclusive as habilidades primordiais para a solução de seus problemas ao longo da vida toda. É muito importante formar um indivíduo crítico, capaz de produzir conhecimentos, analisar criticamente a realidade que o cerca, resolver problemas, implantar formas novas de viver.

Neste nosso início de conversa sobre inclusão, você deve ter percebido que já usamos várias vezes a palavra singularidade. Não à toa. Chamamos de Projeto Singular o que poderia ser identificado

como a ‘filosofia’ de trabalho e de atuação dos profissionais do Colégio Graphein, um projeto pedagógico e educacional elaborado para cada criança a partir da consideração minuciosa de suas demandas emocionais, sociais e acadêmicas. Se seres humanos são únicos, eles precisam de um olhar único, de estratégias únicas, de cuidados absolutamente singulares.

Lidar com educação inclusiva significa, em nossa visão, valorizar em primeiro lugar as singularidades de cada aluno. Jamais impor a todos eles, indistintamente, o mesmo modelo. Incluir é compreender, lembram-se? Deixar de perceber o outro, de ouvir o outro, de observar quais as suas necessidades específicas é um equívoco desastroso em todos os aspectos de nossa vida – ainda mais em se tratando do processo de transmissão de conhecimento aos que têm inadequações escolares.

O primeiro passo do Projeto Singular é o movimento de o educador “conhecer” o aluno. A partir desse conhecimento da singularidade do estudante, o objetivo do Projeto Singular é também a organização de sua subjetividade: despertar o prazer de aprender, construir conhecimentos e habilidades.

Em um primeiro momento, trabalhamos com os conhecimentos prévios do aluno, propondo tarefas em que ele possa nos mostrar suas aptidões já adquiridas. Isso acontece dessa forma porque, normalmente, esses alunos vêm de uma história de muitos fracassos em outras escolas, como já dissemos, e precisamos então levá-lo a perceber o que “pode” aprender.

Em um segundo momento, só após a adaptação do aluno e o estabelecimento de um vínculo inicial positivo com nossa escola, é que podemos começar a estabelecer os desafios, tão necessários para a construção acadêmica. Começamos a propor ao aluno uma série de atividades psicopedagógicas. Importante é não

confundir um método individualizado com o Projeto Singular. Pois método individualizado, muitas vezes, é um mesmo método reproduzido igualmente com várias crianças. Não leva em conta as singularidades de cada um.

Estamos falando de alunos que precisam de algo mais do que a atenção individualizada. Para que seja singular, é preciso que seja um projeto só dele (do aluno), totalmente dele, exclusivamente relativo a ele. E isso demanda um investimento inicial dos educadores em recolher referências, histórias, traumas, fracassos, saudades, restos de vivências, cenas, relatos – um metuculooso trabalho de síntese e apreensão dos dados familiares. Diante disso, passamos a fazer valer o processo de inclusão – com a maior naturalidade possível.

Uma quermesse nunca é só uma quermesse

De posse desse conhecimento rigoroso e ininterrupto sobre o aluno, é fundamental fazer a ponte entre indivíduo e sociedade. Toda atividade ficará esvaziada se não houver essa relação entre individual e social. Realizar, por exemplo, uma festa junina na escola, uma quermesse ou coisa do tipo significa trabalhar a ampliação do repertório social do aluno. No entanto, se não cuidarmos singularmente de sua subjetividade, ou seja, do que significa para ele uma festa de São João não conseguiremos resultado nenhum em termos de prepará-lo para uma real inclusão.

Além de contextualizar o acontecimento “festa junina” e trabalhar os conceitos pedagógicos envolvidos nisso, é preciso cuidar muito bem da orientação e da mediação de suas rela-

ções interpessoais, para que esse evento se torne um momento significativo de construção de repertório para a vida futura do aluno. Cumprimentamos as pessoas com um beijo na chegada e outro na saída, não mais do que isso. Não podemos conversar alto durante uma apresentação de artistas no pátio da escola. Temos hora para aplaudir e hora de fazer silêncio. Segure com delicadeza o braço de sua parceira na dança da quadrilha. Coisas assim, educativas, comportamentais, interpessoais, precisam ser transmitidas o tempo todo, durante uma festa ou qualquer outra atividade na escola.

Estamos também querendo dizer que, em uma mesma sala de aula, os procedimentos dos mestres não podem se tornar homogêneos nunca, muito menos desvincularem-se de qualquer referência cultural própria daquele grupo ou de cada criança daquele grupo. Perceber em cada aluno a origem de seus processos mentais relacionados à aprendizagem: eis outro pilar decisivo em nossa conduta no Graphein. É decisivo perceber a ‘modalidade de aprendizagem’ de cada aluno. Como ele aprende? Quais os processos que mais lhe cabem? Quais as atividades que mais o mobilizam?

Reforçando nossa ideia: toda atuação deve ser única, pensada a partir da história de cada aluno. O conceito de ‘singular’ embute em si o fato de que, mesmo tendo um mesmo ‘diagnóstico’ ou características muito semelhantes, os seres humanos são diferentes. Um distúrbio, uma inabilidade, seja o que for, jamais podem sobrepor-se às necessidades daquele indivíduo específico.

Vamos a um exemplo que sempre gostamos de citar e que já se tornou clássico na história do Colégio Graphein, tendo ocorrido há cerca de vinte anos. Um menino nos chegou com um quadro pintado de ‘deficiente mental’, ou seja, um diagnóstico vago e amplo. Estava na terceira série primária em um colégio

tradicional de São Paulo. Em pouco tempo, o transferimos para o Graphein – mas foi um início bem difícil: ele continuava rendendo pouco.

Pior: quando recebíamos visitas na escola, sobretudo de pais interessados em conhecer nosso trabalho, ele se transformava, de propósito, em um garoto de atitudes bem estereotipadas. Fingia ser o que ele definitivamente não era, apenas para chamar a atenção. Muitos se impressionam com isso, afinal estereótipos e rótulos só servem para reproduzir ainda mais os preconceitos. O fato é que muitas matrículas deixaram de ser feitas no Graphein por causa desse menino e de sua estratégia de querer chocar quem quer que fosse.

Perseguindo a autonomia

Mas o fato é que esse garoto, incorporando conscientemente o estereótipo, espantou nossa clientela durante um tempo. Ele era filho único, de pais mais idosos do que o comum. O pai era um profissional diferenciado, diretor de um grande grupo de empresas. Tinha a expectativa de que esse filho, um dia, assumisse essas empresas. Ou será que o garoto viveria para sempre à margem dos negócios da família? Era uma delicada questão a ser tratada. O tempo foi passando, o menino crescia e correspondia às nossas atividades. No meio do Ensino Médio, angustiados a respeito dos rumos a serem tomados na educação dele, chamamos seus pais e sugerimos que proporcionassem ao filho uma viagem em esquema de intercâmbio, ou seja, que o garoto viajasse sozinho, sem eles. Seria revelador de sua autonomia e estrategicamente proveitoso.

Quase nem acreditamos nas coisas que ouvimos da mãe dele, diante de nossa proposição. “Mas quem é que vai colocar pasta na escova de dentes dele? E depois quem vai lavar a escova dele?” Foi quando pudemos compreender melhor aquela dinâmica familiar: pais, avós e quatro empregados viviam por conta do rapaz. Era de assustar. A sorte foi que ganhamos aos poucos a confiança desses pais, à custa de um longo trabalho e muito investimento emocional na criação desses vínculos. Ter a parceria da família é sempre fundamental.

Quando o aluno chegou ao colegial, já estava pronto para ser encaminhado para uma universidade. Tínhamos certeza de que ele se daria bem e poderia ser adequadamente incluído. Mas não era uma opinião compartilhada com os outros profissionais que trabalhavam com ele fora da equipe do Graphein. Não acreditavam, tanto quanto nós, que ele tivesse chance no ensino superior. Achavam que ele deveria ser preparado no máximo para ser um office boy.

Mas acompanhe nosso raciocínio: como os alunos passam, no mínimo, cinco horas por dia dentro da escola, nós temos, portanto, ferramentas suficientes e condições adequadas para compreendê-los em toda a complexidade de seus avanços e de suas emoções. Nossas chances de acerto são grandes. Pois o menino terminou o colegial e foi, sim, fazer Engenharia Mecânica. Hoje, ele administra as cinco empresas do pai, tem três filhos, enfim, vive uma vida boa. Mostrou à sociedade a sua verdadeira capacidade, afinal, todos nós somos capazes de algo, não é mesmo?

Por causa do forte vínculo que esses alunos adquirem com nossa escola – e esse é outro caminho por demais relevante em todo o processo de preparação para a inclusão: o vínculo –, mesmo depois que completam seus ciclos no Graphein, eles continuam

nos visitando, nos consultando sobre questões pontuais em suas vidas de adulto. Esse mesmo engenheiro mecânico nos procurava com frequência enquanto ainda cursava a faculdade, como na vez em que se sentiu tenso pelas notas baixas em Cálculo. Reforçamos com ele as noções de autoconfiança e isso foi certo. “Você já reparou se é só você que está indo mal nessa matéria?”, perguntamos. E sugerimos: “Converse com seus colegas e pesquise as notas deles em Cálculo.” Na próxima visita, ele chegou todo confiante e menos tenso: descobrira que 90% de seus pares na faculdade também iam mal naquela disciplina.

Mais adiante, ainda antes de se formar, esse rapaz começou a dizer aos pais e a seus médicos que se casaria em breve – e a ‘candidata’ era uma moça que já tinha filhos, o que, de alguma forma, chocou esses pais. Eles acabaram passando uma carga muito grande de angústia para todos os profissionais envolvidos com o filho, transmitindo a ideia de que o rapaz estava “sem juízo, com a cabeça transtornada, desleixado, mal vestido, barbado, perdido, desconexo”.

O perigo é justamente o de comprarmos esses rótulos prévios, sem o cuidado de, no mínimo, ouvir o aluno, observá-lo, reavaliá-lo. E, claro, foi o que fizemos, até constatar que era de novo a mesma reprodução proposital de um comportamento estereotipado que ‘diziam’ que ele tinha. Ouvimos dele, sem que pestanejassem: “Ah, ué, faço isso de propósito: me tratam como bobo, então eu banco o bobo mesmo...”

Os profissionais que estudam o comportamento e as relações humanas já observaram, muitas vezes, o peso e a importância das “expectativas sociais” na formação de um ser humano. É uma situação que sempre foi e ainda é muito estudada. “Meu filho nasceu para ser um...!” Complete os pontinhos do jeito que

você quiser, não importa: você estará rotulando, predeterminando, decretando. E isso é sempre lamentável. O jovem acaba acreditando naquele ‘mandato’ que lhe imputam. Termina por incorporá-lo, acatando desastrosamente a ‘sentença’. Sua autoimagem fica seriamente comprometida pelo que determinaram que ele fosse. Nesses casos, o aconselhável é sempre destacar as potencialidades, no lugar das dificuldades. Isso fará com que a inclusão aconteça no caminho certo e menos sofrido.

Tempo, tempo, tempo, tempo...

Cabe a nós, educadores, psicólogos, pedagogos, psicopedagogos e outros profissionais correlatos, com a preciosa ajuda dos pais, fazê-lo descobrir as suas singularidades. E esse trabalho de todos os envolvidos não deve ser apenas paralelo: o certo é que seja articulado. Cada um (médico, psicólogo, professor) costuma ficar parado na sua ótica, em vez de integrar essas diversas óticas. Trabalhar com a inclusão é perceber que a diferença existe e que dá para preparar essa pessoa para a vida a partir de sua diversidade, desde que a aceitemos e concordemos em cuidar juntos desse ser humano pelo tempo que for necessário.

Tempo, aliás, é um aspecto importantíssimo dessa nossa conversa. Muitas crianças demandam um período maior para desenvolver-se do que o convencional estabelecido. É um ponto muito delicado e difícil. Os pais costumam ficar muito angustiados com essa questão. “Quando ele vai se alfabetizar? Em quanto tempo vai superar sua dificuldade em Matemática? Quando vai prestar vestibular? Quando ele vai se formar? Mas não vai se formar no tempo regulamentar?”

Tempo regulamentar?! O que é isso? Eis aí uma expressão que não combina, de forma alguma, com a palavra singularidade. Essa angústia dos pais precisa ser cuidada, mas não pode ser aplacada com datas! Como já dissemos, somos sim uma escola preparada pedagogicamente como todas as outras, cumprindo as mesmas exigências, as mesmas regras, as mesmas grades curriculares estipuladas pelo Ministério da Educação. Nunca é demais lembrar-lhes isso. Entretanto, o tempo regulamentar, previsto nos regulamentos convencionais, muitas vezes não atende a demanda de nossos alunos. E a ansiedade dos pais pode virar um entrave.

As famílias querem, quase sempre, que determinemos um prazo, uma data. Na maior parte dos casos, trata-se de um problema no seio daquela família, um sofrimento que se arrasta por muitos anos e, portanto, é compreensível que todos queiram um 'final feliz' com data para acontecer. É preciso explicar, com todo cuidado, com todo jeitinho, que cada criança ou jovem leva um período diferente até começar a acreditar que vai conseguir aprender. E nenhuma estratégia será definitivamente montada e posta em prática antes que isso ocorra, ou seja, antes que o garoto amadureça seu potencial, confie em sua capacidade, melhore sua autoimagem. Às vezes, isso se dá de uma forma surpreendentemente rápida, por serem alunos com uma disposição latente, mas não é o mais frequente.

Quantos e quantos pais chegam até o Graphein com um ponto de vista lógico, querendo que o filho supere alguma dificuldade específica em um tempo determinado. Porém, sabemos muito bem que, quando o ser humano e suas emoções, seus sofrimentos e seus medos estão envolvidos em um problema, a solução deixa de ser tão lógica e de seguir um padrão estabelecido. É necessário considerar o tempo individual para que cada aluno

amadureça, cognitiva e emocionalmente, e esteja pronto para os próximos estágios de sua vida.

Algumas famílias, por exemplo, querem que o filho, com grandes dificuldades escolares, passe no vestibular e pronto! Um pragmatismo compreensível que, entretanto, parte de uma visão nublada da situação. Será que simplesmente passar no exame vestibular garantirá a prontidão do aluno para cursar a faculdade? Um ponto de vista que parta do princípio de que isso é verdade simplesmente não valoriza a educação como um processo, mas só como resultado. É tão comum quanto equivocada essa fantasia dos pais de que, se o filho entrar na faculdade, estará tudo resolvido na vida dele. O ponto comum em todos os nossos alunos é a busca pela autonomia. Vamos achar juntos sua autonomia, seu caminho, seu lugar no mundo.

Ora, seu filho e sua filha estão com tropeços no aprender? Vamos estabelecer uma parceria! Será bem melhor do que estabelecer, antes, metas irreais e padronizadas, que não condizem com a singularidade dessas crianças. Precisamos de metas, sim. Mas que não estejam presas a prazos e a padrões e que possam ser revistas de acordo com a dinâmica de seu filho. Venham ser nossos parceiros na construção de um ser humano melhor, capacitado para viver bem em sociedade e pronto para se sentir parte ativa dessa sociedade. O direito de ir e vir, de trabalhar e de estudar é condição essencial para a inclusão de qualquer cidadão no mundo, sobretudo aqueles que apresentam algum tipo de dificuldade.

Muitas vezes temos de lidar com jovens não resolvidos porque a família não aposta neles, não tem paciência para aguardar o tempo necessário até que os primeiros resultados surjam. É fundamental continuar investindo emocionalmente no estudante, mesmo que seu processo seja mais moroso do que o espe-

rado. Sabemos o quanto isso é desgastante para os familiares e, por isso mesmo, o Colégio Graphein investe sistematicamente na orientação dos pais. Nossas reuniões individuais são tão frequentes quanto as agendas dos pais permitirem.

As atitudes tomadas pelos pais muitas vezes são bastante influenciadas pela intenção de acertar, é claro, mas também pela dor e pela sensação de estarem fracassando na educação do filho. Temos a certeza de que atender, orientar, acolher as famílias, nada disso é perda de tempo e, sim, um investimento em uma parceria essencial. Cabe ao Graphein acompanhar, apoiar, incentivar e oferecer tudo o que o estudante necessita em sua singularidade para ter êxito no objetivo educativo de se integrar e de aprender.

Afinal, do que você gosta?

O essencial, no Colégio Graphein, não é montar salas com todos os alunos no mesmo grau de escolaridade. Isso não é o mais importante na hora de organizamos as classes, nunca com mais de 12 alunos cada uma. O ideal é formar grupos que tenham compatibilidade em seu repertório social, que tenham “centros de interesse” em comum, reunir alunos que gostam das mesmas coisas, das mesmas conversas, das mesmas atividades. É por isso que deve ser tão rigoroso e detalhista o processo inicial de entrevistas, de conhecer o aluno que está chegando. E você vai perguntar: mas que tipo de interesses unem alunos nas salas do colégio? Os mais diversos. Futebol, por exemplo. Culinária. Desenho. Música. Videogames. Recentemente, as manifestações de protesto pelas ruas do País também viraram um centro de interesse, pois há

alunos que adoram debater questões da atualidade das formas mais inflamadas e envolventes que se possa imaginar.

Esse interesse específico em tentar entender o que estava acontecendo pelas ruas do Brasil partiu dos próprios alunos, que abordaram o tema durante as aulas e promoveram debates sobre a mobilização social, democracia e política. Surpresos com o interesse dos alunos, professores do Ensino Médio deixaram de lado os conteúdos previstos na grade curricular e abordaram amplamente a onda de protestos em vários Estados. É importante perceber o que os estudantes querem aprender e/ou discutir, e como trabalharmos naquele momento, com o Projeto Singular, a opção de seguir prioritariamente o centro de interesse dos alunos. Não dar continuidade aos conteúdos previstos não é algo problemático dentro da proposta pedagógica de nosso colégio.

Houve uma ocasião em que criamos um laboratório de fotografia e outro de acústica, equipado com boa aparelhagem de som, especialmente por causa de um só aluno. Era o que o mobilizava? Pois lá fomos nós nessas duas aventuras ao lado dele. Por que não? Ah, e um detalhe importante: os grupos são móveis. Se o interesse do aluno mudar completamente com o tempo, ele mudará de sala, sempre com o cuidado necessário para que continue se sentindo ‘ajustado’, potente, integrado, vinculado. Vínculo é palavra até sagrada no vocabulário do Graphein. Sem ele, não há inclusão possível.

Chorando no pátio com o bedel.

Esse garoto do laboratório de fotografia e de acústica, filho de pais separados, chegou ao Graphein literalmente quebrando

tudo. Um dia, até aconteceu de ficarmos assistindo a dura cena em que ele quebrava tudo o que via dentro de nossa sala de coordenação. Mas era um aluno inteligente, que conseguia entender simbolizações e fazer elaborações impressionantes. Tinha um grau de percepção dos temas e compreensão dos assuntos que era completamente fora da curva dita 'normal'. Mas eis que, em um belo dia, alguém sente falta de um dos aparelhos de som do laboratório que criamos para ele. Quem levou?

Sim, foi ele. Depois de muito averiguar e conversar, chegamos à conclusão de que só poderia ter sido ele. Mas como o menino não assumisse, criamos uma ceninha teatral, com a conivência do bedel da escola, com quem esse garoto tinha um incrível vínculo afetivo. Essa relação chegava ao ponto em que o bedel trazia uma foto do garoto em sua carteira. Fizemos, então, uma acusação falsa ao bedel, envolvendo-o no caso do som desaparecido, pois tínhamos certeza de que esse aluno sairia em defesa do amigo e corrigiria a nossa injustiça contra o dedicado funcionário.

Foi exatamente o que se deu. Ele ouviu tudo, todo aquele teatro combinadinho, foi para um canto do pátio e ficou ali chorando. O nosso bedel se aproximou dele, conversaram por um tempo e depois vieram os dois nos procurar, na sala de coordenação. O menino deixou claro que não foi um furto, que ele estava guardando o aparelho de som dentro de caixas de ferramentas que ele adorava. E aproveitou para se abrir conosco, dizendo que, em sua casa, não havia espaço para as coisas dele e que precisava deixar tudo na escola. Conversamos com o pai dele, que concordou em arranjar um quarto para o filho, fora do corpo da casa, para que ele pudesse ter as coisinhas dele, os objetos dele. Esse menino hoje é um fotógrafo de nível internacional e um engenheiro automobilístico excelente. Deslanchou na vida. Seu exemplo

de vínculo com nosso funcionário até hoje é lembrado por todos do Graphein, assim como nossa conduta em lidar no caso do sumiço do som serve de referência quando queremos mostrar que, muitas vezes, para lidar com determinada situação de um aluno, basta uma ação formativa. Nem tudo é só curricular-pedagógico dentro de uma escola. Isso é singularidade, é criar uma solução única para cada tipo de situação, baseando-se sempre nas especificidades e interesses de cada aluno.

Esse método de formar as salas de acordo com os centros de interesse dos alunos só não pode nunca passar por cima do vínculo com o professor. Se o aluno gosta de desenho e, por causa disso, teria de mudar para a sala onde estão os outros alunos que adoram desenhar, nós só não realizamos a mudança dele se o seu vínculo com o mestre da atual sala falar mais forte. Nesse caso, trocar de professor poderia ser bem complexo. Se a relação de afeto com o professor é maior do que tudo, o garoto fica com aquele professor e pronto. Não o mudaríamos para a sala dos ‘desenhistas’. Uma solução possível seria o aluno ter aulas de desenho em paralelo, no seu período de aulas e/ou no período oposto. O importante é respeitar o vínculo estabelecido e, ao mesmo tempo, usar os centros de interesses como “ganchos” para o desenvolvimento do aluno. Portanto, tudo tem de ser pesado na balança. E o bom senso deve sempre falar mais alto, como em tudo na vida.

Esse bom senso deve falar também para o caso dos conteúdos pedagógicos. Por exemplo, se a sala é do sexto ano, a primeira lição de matemática seria soma de frações. Para esse estágio de escolaridade, é o primeiro conteúdo de matemática. Mas se o professor percebe que o aluno recém-chegado não sabe ainda nem fazer contas de dividir, se o menino se atrapalha nas divisões, que é uma matéria do quarto ano, aí então o professor deve vol-

tar com esse aluno para o conteúdo do quarto ano, embora esteja matriculado no sexto. Isso é uma adaptação curricular. Isso é que faz a singularidade de cada aluno. O contrário também pode acontecer: o aluno pode ter se encaixado em determinada série, mas estar adiantado demais com relação a alguns conteúdos. Então, para ele, naquela sala, esses conteúdos serão mais rápidos, o professor vai agilizá-los. Ou seja, é mesmo uma adaptação feita individualmente no currículo de cada aluno.

Reparem em uma coisa: esse modelo de singularidade do Colégio Graphein não precisa ficar restrito a escolas diferenciadas, que trabalham com classes de poucos alunos. Não. O Projeto Singular pode ser adaptado, transformado. É perfeitamente possível fazer uma adaptação disso em escolas que trabalham com classes mais numerosas. Como? Trabalhando em subgrupos. Para tanto, é necessário que, ao começo do ano letivo, a equipe de educadores faça uma identificação detalhada de cada aluno da sala. A partir disso, organize uma espécie de ‘sociograma’ com as características de cada aluno e monte a sala por subgrupos de interesse. Isso, com certeza, dará resultados positivos. Já há escolas públicas que foram apresentadas, por nós, a esse método. Acreditamos muito nisso. Acreditamos no sonho de investir em suporte, consultoria e metodologia do Projeto Singular para outras escolas.

Famílias frágeis e sensíveis? É compreensível.

Voltemos a falar um pouco mais sobre os pais e sobre a importância do vínculo com a escola. Os pais são os pais. Ninguém

vai roubar o lugar deles, mas eles podem e devem nos usar como instrumentos. O poder é deles, eles são os mentores daquela vida que puseram no mundo, sim, mas estamos juntos! Se não quiserem, eles não precisam passar por nada sozinhos.

E, vejam bem, não adianta ficar reclamando da atitude de certas famílias ou chamá-las de “difíceis”. Há que compreendê-las. A questão é mais complexa do que a gente sempre pensa. Vamos refletir juntos: Esses pais não queriam ter um filho assim, certo? Suas expectativas de filho não passavam por esse quadro de dificuldade de aprendizagem. Isso tem de ser levado em consideração por nós. Há as frustrações deles, legítimas e reais, como pais dessa criança matriculada em uma escola de educação diferenciada. Há um alto grau de sofrimento desses pais, que se veem perdidos e até destituídos de seu papel de educadores e não sabem ainda como lidar com o que designam por “filho-problema”. Há as angústias desses pais, as ansiedades deles, aspectos que não podem ficar de fora desse ‘pacote’ todo pensado por nós, educadores, lidando com o filho que é deles – e que não é o filho que eles sonharam ter. Quando não há correspondência da realidade com o sonhado, a decepção e o medo do não saber lidar aparecem e geram situações conflituosas. Essas famílias sentem-se frágeis, sensíveis, “chacoalhadas” em seus valores e, fundamentalmente, necessitadas de ajuda.

Tivemos outro caso recente de aluno que ‘derrubava’ a escola, quebrava coisas, agredia professores, enfim, era grosseiro o tempo todo com todos nós. Estava claro: primeiramente teríamos de tentar o resgate educacional dessa criança, depois pensar no resgate pedagógico. Mas os pais começaram a ficar desesperados com esse atraso na carga de ensino, na defasagem idade-série. Foi lento o processo de conquistar sobretudo o pai, que muitas ve-

zes levantava-se abruptamente da reunião e nos deixava falando sozinho. Chegou a nos oferecer troca de favores profissionais na área dele, caso o filho passasse de ano. Ouvir aquilo foi um choque, uma ofensa grave. Vocês percebem como, muitas vezes, a angústia chega a tal ponto que a família também quer uma solução mágica para as questões dos filhos?

Mas nossa atitude firme, ética e constante fez com que esse pai passasse a confiar na escola – e enfim nos deixou agir no tempo do filho dele. Virou um pai que não se afastava mais de nós. Isso foi precioso para o resgate de seu filho.

Houve até uma época em que o menino entrava em depressão, não saía de casa, e então mandávamos os professores na casa dele. Foram seis anos trabalhando com ele nessa toada. Hoje, é um rapaz calmo, equilibrado, que está cursando uma faculdade e tem vindo ao Graphein para fazer aulas avulsas de algumas disciplinas que ainda não consegue acompanhar completamente sozinho. É uma história de sucesso, garantido graças ao vínculo dos pais com a escola e vice-versa.

Causa e consequência.

Nossos cursos são todos semestrais. É assim a forma como melhor nos adequamos ao ritmo de nossos alunos. Isso quer dizer que não passam de ano, ou não repetem de ano, mas sim de semestre. Dividir o ano em períodos menores não compromete em nada a grade curricular oficial e favorece a nossa busca pelo enfoque singular do aluno, assim como estimula uma implicação maior do jovem com seu desempenho, facilitando a constante retomada de seu eixo de aprendizagem, pois a cada fim de

semestre ele volta a ficar interessado em sua avaliação – não só uma vez por ano.

No Graphein, a decisão pela aprovação ou retenção do aluno em um semestre escolar é sempre fruto de muita reflexão, análise e estudo por parte de nossa equipe de educadores. Mesmo porque o principal em nossa avaliação não é o “cumprimento do conteúdo acadêmico previsto para a série em que o aluno está matriculado” e sim o quanto ele evoluiu naquele período, se venceu os desafios estabelecidos em seu Projeto Singular, se “deu o melhor de si”.

A avaliação da aprendizagem deve ser contínua e ter como base o aproveitamento escolar, a participação nas atividades programadas e a atitude adequada do aluno em seu cotidiano escolar. Portanto, embora o resultado alcançado seja importante, o método avaliativo, no Colégio Graphein, privilegia o processo de aprendizagem. Isso significa que o empenho e a participação do estudante nas atividades propostas têm peso significativo na composição de sua nota.

Não é nem preciso dizer que, para conduzirmos este processo com sucesso, é imprescindível a parceria da família do aluno. É muito importante que compreendam o trabalho realizado e ratifiquem as posições da escola. Temos de realizar um trabalho muito meticuloso com esses pais. Por isso é que é sempre urgente e ultra necessário construir a percepção de como a família está se sentindo frente à situação. Não hesitamos: nosso investimento maior, nesse tipo de quadro, é com a reeducação dos pais. Lidar com a família toda faz parte de nosso ofício.

Gente que gosta de gente.

Se você está percebendo, esta nossa conversa está nos levando cada vez mais para um rumo decisivo: demonstrar a vocês, leitores deste texto informal e coloquial, o quanto deve ser alto o nosso comprometimento com esses alunos, o nosso vínculo de educadores e psicopedagogos, o extremo grau de compromisso que temos – e precisamos realmente ter – com nossa clientela escolar. Quando recrutamos profissionais, sabemos o que queremos: mais, muito mais do que gente preparada, estudiosa, com impecáveis níveis acadêmicos – queremos dedicação.

Muitas vezes é pura ilusão achar que será melhor contratar educadores com uma formação fantástica, um preparo de fôlego. Isso é de suma importância, não estamos negando. Mas melhor?! Melhor mesmo é recrutar gente que gosta de gente. Isso também parece óbvio, mas não é mesmo. Precisamos, por exemplo, de professores de matemática muito bem preparados, mas que gostem de adolescente e estejam disponíveis internamente, dentro de si, para um incansável trabalho de investigar e observar o tempo todo. Conceitos e operações matemáticas podem ser trabalhados em inúmeros contextos didáticos planejados, como na quadra de esportes, nas aulas de culinária, de música... Não estamos em uma escola em que os professores transmitem seus conhecimentos apenas de forma convencional e, em seguida, vão embora para casa corrigir provas, incólumes, intactos, emocionalmente protegidos e desvinculados. Não. De jeito nenhum.

É uma escola em que se constroem vínculos. De tal forma que nem é condição primordial que esses candidatos já tenham trabalhado com educação inclusiva e dominem essa vertente. O que nós precisamos no Graphein é de disponibilidade afetiva. Mais

do que tudo. O aluno tem de sentir que você está sendo verdadeiro, que o está respeitando. Sentir que aquele adulto está disponível – e que é por ele, pelo aluno, que o professor está fazendo tudo.

O que perseguimos é que o educador seja suficientemente sensível para saber colocar-se no lugar da criança e, assim, melhor avaliá-la e compreendê-la. Nenhum jovem nos respeita pela hierarquia, por você coordenar a escola, dirigir o colégio, nada disso: respeitam se sentem o vínculo. Isso se dá em todas as escolas do mundo, claro, mas em instituições como o Graphein isso fica mais patente, porque é uma clientela que precisa ser cuidada o tempo todo. É uma clientela com dificuldades – em maior ou menor grau – de perceber o outro, de respeitar o outro.

Um professor precisa entender o quanto é obrigatório recomençar sempre. Reavaliar o tempo todo. É útil ter um diagnóstico médico ou psicológico? Sim, bastante útil, porque nos dará pistas. Saber que um jovem tem problemas, seja qual for o seu diagnóstico, nos leva a pensar sobre isso, mas olhem só o perigo: há os que buscam freneticamente por um diagnóstico e acham que esse é o caminho, que esse é o mapa da mina. Não é. Diagnosticar não significa apenas nomear um distúrbio ou uma dificuldade. É preciso ir além dessa mera descoberta de problemas. Um diagnóstico deve ser encarado como relativo e transitório pelo professor, que vai render muito mais se continuar sempre ‘investigando’ o aluno, com sensibilidade aguçada para perceber se sua intervenção – planejada – ainda está funcionando ou se precisa ser replanejada, repensada.

Essa atitude proativa do educador – planejar ininterruptamente os passos seguintes, sem medo de reformular suas atividades – vale muito mais do que qualquer diagnóstico prévio. Sentenciar é sempre um risco. Rotular é castrador. Nem sempre

a estratégia pensada é a mais adequada. Saber replanejar é que é o mapa da mina. Manter-se atento. Fazer quantas reavaliações forem necessárias, pois elas levarão a novas propostas de atuação, que, por sua vez, exigirão outro tipo de planejamento para aquele determinado aluno – e assim sucessivamente. Um lema a ser perseguido: “Re-planejar é preciso.”

Diferença é...

Nessa questão dos diagnósticos, o subtema da ‘medicalização’ costuma vir com tudo e pairar implacável sobre as cabeças pensantes, produzindo polêmicas e debates sem fim. Não podemos nos esquecer de que atuamos em uma área em que é muito fácil ocorrer um falso diagnóstico. Por isso, essa discussão sobre prescrever remédios vira um tema bem delicado. Quando o diagnóstico está correto, medicamentos são muito necessários e um recurso a mais. Porém, se for inadequado, então essa ‘medicalização’ pode mais atrapalhar do que ajudar a missão dos educadores, que é a de deslocar o olhar da “doença” para a “diferença”.

Esse olhar todo especial na direção da individualidade dos nossos estudantes faz com que cada professor seja mais do que um professor. Precisa ter uma disponibilidade interna maior do que o normal, para analisar erros, descobrir lacunas e equívocos que possam impedir a fruição de cada conteúdo específico. Abrir-se para o aluno, sem se despedaçar, ou seja, sem perder o foco, sem se desorganizar. Emprestar-se, sem se perder, isto é, não cair na armadilha do vínculo exagerado, grudado e infrutífero: seu lugar é o de educador, não o de substituto do pai ou da mãe. Também não pode pender totalmente para o lado do ‘frouxo liberal’,

aquele que é permissivo demais e que não conquista a confiança e o respeito de seus alunos.

Desenvolve-se, portanto, uma relação tão especial – com limites e cuidados tão tênues e frágeis – que costumamos chamar, mais adequadamente, de Tutoria. Isso mesmo. O professor vira um tutor, pois sua missão vai além do trabalho escolar, ampliando-se para vertentes como o aconselhamento educacional, o apoio afetivo, o suporte emocional e, ainda mais, atuando como uma espécie de orientador para toda a família.

Saber identificar pedidos de ajuda.

Um profissional do Graphein sabe, por exemplo, que as atitudes da criança ou do adolescente têm sempre um componente não consciente que é importantíssimo. O aluno, muitas vezes, fica às voltas com suas dores (oriundas de situações traumáticas já vividas no seio da família ou no próprio ambiente escolar) e não consegue sair do lugar: não mobiliza seus interesses, sua criatividade, seu pensamento. Nossos mestres-tutores são preparados para lembrar-se sempre disso.

Apatia, agressividade e agitação são sinais de desconforto do aluno, sinalizações efetivas. São pedidos de ajuda. Alunos difíceis? Sim, extremamente. Mas não adianta reproduzir o mesmo olhar estigmatizado que a sociedade já cruelmente destina a todos eles. É preferível compreender que são alunos paralisados em sua postura de indisciplina e, assim, impedidos de viver seu pleno processo de desenvolvimento. Portanto, é imprescindível que o professor não viva as atitudes inadequadas de seus alunos como um ataque pessoal a si. Dessa forma, esse educador pro-

vavelmente ficaria paralisado e/ou com sua percepção (e ação) comprometida.

É primordial que perceba essa atitude inapropriada como uma comunicação do aluno de que algo não vai bem. Partindo desse pressuposto, as ações tendem a ser mais acertadas, pois buscam a construção de um repertório mais adequado e não apenas a simples punição, mesmo que esta seja uma das consequências da atitude do aluno. Para lidar com situações de conflito mais agudas (um xingamento de aluno, uma atitude indelicada ou até uma brutalidade física dentro da sala de aula), uma pista, por exemplo, é oferecer atividades baseadas na cooperação, participação, iniciativa e criatividade, tentando integrar todas as partes envolvidas na situação de conflito e mantendo uma atitude de mediação. Afinal, há muito tempo, a indisciplina passou a incorporar o cotidiano das escolas, seja que escola for.

O desafio maior é trabalhar arduamente no sentido de criar um vínculo afetivo com os nossos alunos e um vínculo que seja o mais estreito e individualizado possível: a tutoria. Só um vínculo dessa natureza – esse verdadeiro exercício para a arte de conviver – terá a força necessária para construir ou resgatar nessa juventude as relações de confiança e de admiração com os adultos. Não é à toa que, como já comentamos antes, um aluno do Graphein, mesmo já graduado, continua nos visitando periodicamente para pedir conselhos da vida prática em que, finalmente, se inseriu.

É extremamente gratificante para nós sentirmos que fomos capazes de preparar esses jovens, com dificuldades de aprendizagem, para a inserção no mercado de trabalho e na vida em sociedade. É lindo demais flagrá-los em pleno exercício competente e autônomo de suas atividades. É emocionante vê-los cuidar de sua aparência, autoestima, comunicação com o mundo,

relacionamentos em geral. É incrível constatar neles a segurança para tomar decisões, para prosseguir trabalhando em equipe. É delicioso constatar em nossos alunos o quanto resgataram, enfim e depois de tanto empenho, o prazer de aprender. Eu posso. Eu aprendo.

O que mais pode querer um educador?

